



# Boletim Informativo da Casa do Artista

Editorial

Volume XIII, Edição II

Fevereiro de 2017

## Adelaide João recebe Prémio Sophia Carreira 2017

### HONRANDO OS MELHORES DE NÓS

No passado dia 12 de Janeiro de 2017 fiz um recital de poesia para os residentes na Casa do Artista.

Já lá tinha participado noutras atuações dinamizadas pelo meu amigo Pedro Machado (foi ele que me fez sócio da APOIARTE), mas integrado em grupos que ali cantaram Fado; ou, mais recentemente, como «ajudante» do Prof. Moniz Pereira, numa das suas últimas palestras, apenas pondo e tirando discos na aparelhagem, fazendo de «ponto» lembrando-lhe o que tinha programado dizer a seguir.

Mas no dia 12 de Janeiro foi diferente. Estive, com fundo musical de invulgar brilho pelo mesmo Pedro Machado, diante do melhor público que poderia ter, pois ali estavam os melhores de nós. Aqueles que, ao longo de uma vida inteira, se dedicaram a levar felicidade às pessoas, sob as mais variadas formas: cantando, tocando, representando, escrevendo, compondo, criando vestidos valorizados das vedetas, erguendo cenários que faziam do palco uma outra realidade ou talvez um outro sonho, tratando do som, ou dos adereços, ou dos jogos de luz. Sempre, sempre, para oferecer ao público anónimo aquilo que sempre procura em qualquer manifestação artística: beleza, entretenimento, alegria, fuga aos constrangimentos da vida, numa palavra: Felicidade!

Levar algum entretenimento aos atuais residentes na Casa do Artista, tendo na plateia tantos nomes gloriosos que me encheram a alma quando eu estava entre o público e eles na ribalta, foi a modesta retribuição e muito emocionada homenagem que senti prestar-lhes.

Porque elas e eles são, a todos os títulos, os melhores de nós!

Daniel Gouveia

#### Nesta edição:

O amor, quando se revela	2
Bem-Hajam Alice Maria e Zé Amaro	3
Pedro Machado Show €U	4
Vareirinha	6
Saudade	7
Cantinho do Amor	8
Recordando Artistas Antigos	10
Adelaide João— Prémio Sophia Carreira 2017	12
Factos Y Ficcionismos	15



## O amor, quando se revela

O amor, quando se revela,  
Não se sabe revelar.  
Sabe bem olhar pra ela,  
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente  
Não sabe o que há de dizer.  
Fala: parece que mente...  
Cala: parece esquecer...

Ah, mas se ela adivinhasse,  
Se pudesse ouvir o olhar,  
E se um olhar lhe bastasse  
Pra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;  
Quem quer dizer quanto sente  
Fica sem alma nem fala,  
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe  
O que não lhe ousou contar,  
Já não terei que falar-lhe  
Porque lhe estou a falar...

Fernando Pessoa

**Colabore com a nova edição do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, através das suas histórias, do seu talento, da sua arte.**

**Contamos consigo!**

## Bem-Hajam Alice Maria e Zé Amaro

Outro tempo, outra era  
Bairro-Alto e seu passado  
Estava a cantar na “Severa”  
E criou o Fado Errado

Senhora de fino porte  
Foi uma grande fadista  
Uma voz linda do Norte  
Está na “Casa do Artista”.

Cada um segue seu trilho  
Foi sina que Deus me deu  
O Pedro era o seu filho  
Foi um filho que morreu

Esta história é verdadeira  
Vamos lá todos falar  
Uma casa na Aroeira  
Já não é no Lumiar

Um casal com muito amor  
E o sindicato “Siarte”  
José Amaro foi Diretor  
Agora estão na Apoiarte

Patroa, Maria José, cozinheira  
Nas Gáveas transmontana natural  
Alice Maria do Porto cantadeira  
Cantou no Teatro Monumental

Zé Amaro bonitão e elegante  
Boa figura de rapaz educado  
Homem de valor e bem-falante  
Que sabia muito bem cantar o fado

Com versos de Camões “Os Erros Meus”  
Será sempre uma eterna maravilha  
O filho Pedro foi ter com Deus  
Mas ficaram cá com uma filha

Estão aqui ao pé da gente  
A Alice está mal também  
O Zé dos ossos está doente  
E ela enferma por ser Mãe.

Graças a Deus neste nosso cantinho  
Cá estamos no Lar quem diria  
O Zé, mais a Alice e o Coutinho  
Silêncio; Canta Alice Maria.

Trabalhou em publicidade  
E foi um garboso militar  
Foi um homem da Cidade  
Que o fado sabe cantar

Era oficial, não foi magala  
Estamos aqui na Pontinha  
O Zé vai de carro e de bengala  
Levar o seu amor pela Alicinha.

**Autor:** Júlio Coutinho



Armando e Maria de Lurdes Machado foram os fundadores, em 1937, da famosa “Adega Machado”.

Antes, porém, já exploravam uma tasquinha no Bairro Alto com o nome de “Barrete Verde” e onde serviam vinho “a copo” e “carapauzinhos acabados de fritar”.



(“Os 3 de Portugal”, com Armando e Maria de Lurdes Machado)

Ambos trabalhavam no fado, ele era “violista” e ela “fadista”.

Assim nasceu, em 1937, no mesmo espaço do “Barrete Verde” a famosa “Adega Machado”.

Armando Machado veio a revelar-se um inspirado compositor e muitos dos seus fados são, ainda hoje, das mais belas melodias dos fados tradicionais.

Maria de Lurdes Machado foi uma fadista de mérito, mas nunca procurou ser mais do que aquilo que era, a sua vocação era a gestão da sua casa.



(Patrões, pessoal e artistas da “Adega Machado”)

Conseguiu erguer ao mais alto nível o prestígio da “Adega Machado” fazendo amizade com as maiores figuras da “alta finança”, da “política”, do “desporto” e das “artes” (Calouste Gulbenkian, Kirk Douglas, Eusébio, Conde de Barcelona, Príncipe André de Inglaterra, 4 Presidentes do Brasil (Kubichek, Jânio, Collor e Itamar) e muitos outros famosos. Amália (que se apresentava duas vezes por ano na “Adega Machado”) e o pintor Tom, foram padrinhos de dois dos cinco filhos do casal Machado; o 3º, António Tomaz e 5ª Maria Rita.



(Pedro Machado, Armando Machado, Bia e J. Pimentel)

PM

Oh mar que lindo que és  
Mesmo quando revoltado  
Eu vejo nas tuas mágoas  
As tristezas do passado

Em tuas ondas revoltas  
Bramindo de raiva e dor  
Eu olho-te extasiada  
E sinto por ti amor

És livre e podes mostrar  
Ao mundo a tua revolta  
Pudesse eu também dizer  
O que minha alma sufoca

Amorinda Matos

**VAREIRINHA**

Com a canastra recheada  
Andando pela rua à toa  
Apregoando a pescada  
A sardinha fresca e boa

Oh! Varina, Oh! Varina  
E sempre esta confusão  
Mostre-me a sua corvina  
Mostre-me o seu biqueirão

Oh! Vareirinha  
De lindo pregão  
Oh! Vareirinha  
Da praia encantada  
Oh! Vareirinha  
Ao passar deixas pelo chão  
Oh! Vareirinha  
O cheirinho da pescada

Quem merca oh! D'agora viva  
Quem merca a bela sardinha  
A vareira tão esquiva  
Dá a pescada baratinha

Sempre sempre a apregoar  
Nesta constante canseira  
A fresquinha está a saltar  
Quem merca a bela vareira

**Música e letra de** Arlindo Pontes

**Repertório de** Linita Marques

## Saudade



Esta saudade infinita  
Que eu sinto a cada instante  
É o que em meu peito grita  
Num som alto ... alucinante

Saudades das caminhadas  
Mãos dadas, à beira mar  
Saudades das esplanadas  
Das conversas ao luar

Dos beijos que foram dados  
Com carícias à mistura  
Intensos e apaixonados  
Levando-nos à loucura

De permeio com os beijos  
Os olhares que eram trocados  
Carregados de desejos  
De intimidade e pecados

Do amor que nós fizemos  
Solto e desinteressado...  
Quero! Queres! Então queremos!  
Sem hora ou lugar marcado...

A vida passou depressa  
Hoje temos outra idade  
Do que me vem à cabeça  
Meu amor... sinto saudade!

José Antunes

## Cantinho do Amor

O cantinho do amor não fala hoje sobre o amor, mas ele existe e não deve ser esquecido.

Falemos então da vida, da vida no seu conjunto, no seu todo. Não é fácil falar dela. Há sempre tanto para dizer ... ela está na nossa pele e no nosso dia-a-dia... em todos os momentos que vivemos...

A vida corre... os anos sucedem-se, o trajeto não é tranquilo, por vezes com alguns sustos... e que sustos! ...

Superemos essa intranquilidade na certeza de que ela vale a pena ser vivida em toda a sua plenitude... momentos bons... momentos maus... outros não tanto... mas a vida corre sempre em ritmo acelerado...

E de repente pensamos; já lá vão alguns anos, tantos que quase não demos por eles, tão velozes eles passaram e vendo bem deixaram rasto...

E nesta luta entre o tempo e o desejo de viver quase não damos conta das transformações que se vão operando no Mundo.

Mas amigos, devemos estar atentos ao que se passa à nossa volta. O Mundo está a sofrer transformações que também nos dizem respeito. É bom, que nos sintamos e saibamos colaborar e estejamos atentos a todas essas modificações para não deixarmos de lhe pertencer e sentirmo-nos cidadãos do Mundo. Convém, portanto, estar atento e participar dentro do nosso alcance. Para melhor, para pior, não sabemos, mas sabemos que estamos vivos pertencendo a este mundo, dispostos a colaborar. A nossa “juventude sénior”... assim o exige...

Estejamos atentos e expectantes perante o que se passa, dando com o nosso interesse e possível atividade preciosos momentos de integração.

Afinal fazemos ou não fazemos parte deste Mundo? Somos ou não somos uma “juventude sénior” pronta para novos conceitos? Neste Mundo mágico, por vezes ingrato, por vezes sublime e sempre pronto a receber-nos. Cá estamos amigos, prontos a lutar sempre com espírito de boa vontade e de colaboração. Estejamos atentos ao nosso Mundo!

E a propósito da vida e do Mundo que nos rodeia, surge um poema de António Botto.

O poema reflete na sua bela fantasia a amargura que o poeta teve na sua vivência neste Mundo.

São arroubos da sua mente desiludida e amarga. Ao poeta cabe vivê-la. A nós cabe-nos a realidade existente.

Apreciá-la e vivê-la é a nossa missão. Estamos prontos? Vamos em frente amigos.

JF





Tudo no mundo tem o seu destino  
 Por mais estranho e oculto que pareça:  
 - Não há noite no céu sem que anoiteça  
 Nem amor que não seja desatino;



Nem alegria que não entristeça  
 O crente, o virtuoso, o assassino  
 Nem prazer por mais límpido ou divino.  
 Que não canse e por fim nos aborreça...

Modificar as leis da natureza  
 Ou tentar escolher a própria sorte,  
 É falhar no capricho da incerteza.

O tempo vive para a eternidade:  
 - Como a vida caminha para a morte  
 E fica no silêncio da saudade...

António Botto



**13 de Fevereiro—Dia  
 Mundial da Rádio**

**Para recordar... Ou  
 saber como era antiga-  
 mente!**

## Recordando Artistas Antigos

### Estevão Amarante e Luisa Satanela

Estevão Amarante foi uma das verdadeiras figuras da Revista à Portuguesa. Nasceu a 9 de Janeiro de 1894 em Lisboa e faleceu no Porto a 6 de Dezembro de 1951. Desde criança no Teatro Infante revelou o seu gosto pela carreira tão talentosa. Era um homem charmoso, com tudo ajudá-lo para triunfar. Cantava bem e até nisso se completou.

Fez várias operetas, revistas e comédias, tendo trabalhado inicialmente nas barracas de feiras etc. Foi sempre subindo até se consagrar no saloio Sebastião Barbosa de o “Conde Barão”. Triunfou em João Ratão, popularizou figuras características, e foi para o Teatro Nacional para a Companhia Amélia Rey Colaço/Robles Monteiro.

Fez cinema, o grande Elias com António Silva e Milú, entre outras. Casou com Luísa Satanela, tendo formado a Companhia Satanela Amarante. Quando estava a fazer uma peça no Porto faleceu repentinamente.

A Luisa Satanela (a vedeta das plumas) nasce em Turim (Itália) em 1894 e faleceu em 1974. O seu nome completo é Paola Luisa Maria Oliva.

Em 1916 chega a Lisboa vinda do Brasil trazida pelo seu empresário Luis Galhardo.

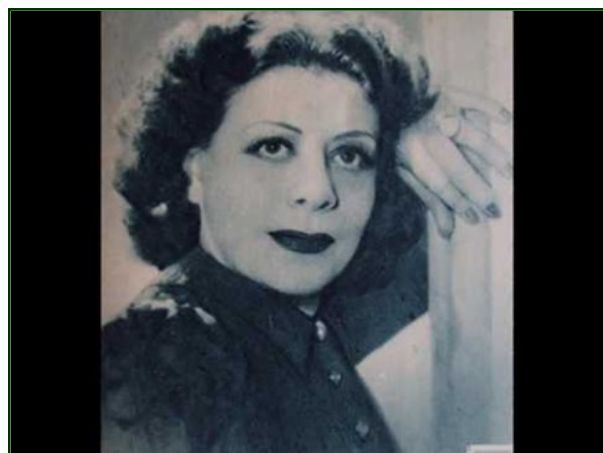
Luisa Satanela e Estevão Amarante apaixonaram-se e casaram, mas ele era um homem muito atraente e o meio em que viviam era mau. E, segundo se consta havia ciúmes de parte a parte.

A Luisa Satanela, quando enviuvou foi dirigir uma pousada e creio que faleceu lá, em Óbidos.

Nini Remartinez



Estevão Amarante



Luisa Satanela

## Um fio de esperança

De olhar fito nos céus  
 Vou caminhando, sempre a sonhar  
 As nuvens são como véus  
 Feito de estrelas, a cintilar.  
 Assim a vida dará  
 Ao amor a luz da ilusão  
 O sabor e a cor da traição  
 Ninguém terá...  
 Não não quero mais  
 Viver assim só  
 Sem ter ninguém  
 A brisa vem levemente  
 Numa carícia passa a cantar  
 Seguindo na estrada em frente  
 Páro somente pra descansar  
 Caminho com fé e afinal  
 Espero ainda o sol da bonança  
 Terei um fio de esperança  
 Até final...

**Letra de** António José

**Música de** Nóbrega e Sousa

**Criação de** Maria Candal

Aqui tens o meu coração  
 Se quiseres matá-lo, podes!  
 Mas olha estás dentro dele  
 E se o matas também morres.

António Aleixo

## São honestos, sim senhor...

são honestos, sim senhor,  
 olham vígaros com desdém  
 à mentira tem pavor  
 são gente muito bem  
   ... muito bem... muito bem...  
 Sobem na vida depressa  
 à custa de muitos ardores  
 génios de mente esperta  
 e alguns até doutores...  
   ... sim senhores... sim senhores...  
 é vê-los na televisão  
 botar falas a primor  
 bem tratados, pois então,  
 como imagens num andor...  
   ... andor... andor...  
 comezainas de primeira  
 a Europa bem merece  
 muitos drinks-cavaqueira  
 ricos pavões do jet-set  
  
 mas eis que os jornais  
 trazem a grande notícia  
 alguns senhores geniais  
 são procurados p`la polícia...  
   ... oh, delícia, oh, delícia

por estes grandes enganos  
 já anda muita gente por aí  
 não come não lava anus  
 não bebe não faz chi-chi...

Joaquim Samora

## Adelaide João – Prémio Sophia Carreira 2017

No passado dia 20 de Fevereiro 2017, a actriz Adelaide João recebeu a visita de Paulo Trancoso (Presidente da Academia Portuguesa de Cinema) e de Patrícia Vasconcelos, na Casa do Artista. Neste dia comunicaram que a actriz iria receber o Prémio Sophia 2017, pela sua carreira no cinema. Durante a sessão, na qual estiveram presentes vários Residentes e colegas da actriz, elementos da Direção e alguns colaboradores da Casa do Artista, houve um momento musical com o Trio da Casa do Artista (Boni ao piano, à viola Pedro Machado e ao saxofone José Fonseca).

Adelaide João teve uma carreira imensa nos palcos, nos ecrãs de televisão e sobretudo no Cinema Português e nas produções estrangeiras rodadas em Portugal. É uma das mais queridas atrizes dos portugueses e foi uma presença constante ao longo de décadas em obras dos maiores cineastas nacionais, como Ernesto de Sousa, José Fonseca e Costa, Manoel de Oliveira, Fernando Lopes, António-Pedro Vasconcelos. Foi sempre a eterna secundária, a figura indispensável que, com uma frase ou meia dúzia de cenas e sem nunca ter a pretensão de ser protagonista, se tornou numa das mais brilhantes estrelas de Portugal.

Uma Actriz enorme que a Academia Portuguesa de Cinema celebra com um enorme orgulho.

A Gala dos Prémios Sophia realiza-se no próximo dia 22 de Março 2017, no Centro Cultural de Belém.

A Casa do Artista felicita a actriz pela sua carreira no teatro, na televisão e no cinema.



(Adelaide João na Casa do Artista)

**Dia 14 de Fevereiro – Dia dos Namorados**

Eu aprendi que quando havia numa família, filhos rapazes e raparigas se dizia os irmãos. Quando no escritório havia trabalhadores homens e mulheres se dizia os empregados e por aí fora. O que prevalecia sempre era falar-se no masculino. Agora para o Dia dos Namorados só dá para o casal rapaz/rapariga ou como agora se usa, se forem dois rapazes que é o que há mais; mas se forem duas miúdas como é que se diz? Dia das Namoradas, porque naquele casal moderno não há macho, só há duas fêmeas.

Foi mudada a maneira de escrever. Temos que ter cuidado com a língua em tudo. Tenho razão não tenho.

Parece que estou a brincar com as palavras, mas estou a falar a sério, nos tempos que vão correndo. Até o dia dos namorados está a ficar diferente, quase em crise. Por isso já sabem é preciso muita atenção.

Para namorados rapaz/rapariga ou dois rapazes é dia dos namorados, se forem duas raparigas é dia das namoradas. Está bem meninas?

Sejam felizes, um dia bem passado para todos. Beijinhos,

Júlio Coutinho

**Este pessoal do meu tempo, também  
envelheceu!**

**Os nossos favoritos são agora também  
idosos**



**FACTOS Y FICCIONISMO****Afonso Henriques**

Na busca política de farinha lídima encontrei gorgulho e farinha de bolota, isto é, farinha celta que, anos transcorridos sobre os desvarios político-sociais pós-25 de Novembro, foi amassada por Sousa Lara, bisonho Ministro da Cultura em um governo de Cavaco Silva, fermento retirado das prateleiras esconsas do ante-25 de Abril, a agremiação dominante a massacrar-nos com retrocessos sócio-económicos e culturais, alicerçada nos caboucos dos Tribunais Plenários, estrutura jurídica da Ditadura que o movimento militar de Abril julgara ter lançado a fossas assépticas. Tais as tropelias de sucessivos governos que o Bastonário da Ordem dos Advogados, António Marinho e Pinto, se tornou cutelo em comentários televisivos, e, que, no prefácio de um livro, exarou: «A justiça Portuguesa continua uma teia de aranha: os fortes rompem-na facilmente e seguem em frente sem grandes problemas; mas os fracos ficam presos e enredados nela, às vezes para toda a vida». Verdade a lembrar-me as areias movediças do meu acesso (juvenil) à montanha do conhecimento e da cultura, sugado no vórtice de buraco apologético quando, por pecado não purificado em pia baptismal, fui enxovalhado por crime de heresia em aula de “Educação Cívica, Moral e Religião”, o professor, pároco-curador do mosteiro da Rainha Santa Isabel, em Coimbra, furibundo na sotaina, lunetas a tombarem ao estrado, a gritar na aula, rua! rua! ao ver-me titubear “Pai Nosso...” e a fingir a continência fascista obrigatória ao lenho que encimava a lousa do quadro, Carmona e Salazar a deslido de Jesus encavilhado na cruz --- pulguedo e folhelho de enxerga a serem de novo manufactura na fábrica “Santana Lopes, Paulo Portas & Sarmiento, SARL”, tentativa arrivista para novo implante nas escolas dos símbolos apeados pela Revolução; acto a merecer meças às febris canduras da firma “Salazar & Cerejeira, Lda.” a jazer na serradura do tempo, o Santana, adónis e ainda edil, a conjeturar num genuflexório: «A Sé está velha e assolapada no aglomerado de casario toscos», tiro de partida para nova Sé a erguer-se à fé e ao céu no espaço ribeirinho do “Jardim do Tabaco, toda ela construída e talhada em genuína pedra brecha da Arrábida, os botaréus a alcandorarem-se aos voos e chilros dos andorinhões e das gai-votas, e sinos a repicarem por estridentes cornetas acústicas, uma lambança a flamingos, peixes, moluscos e crustáceos do Mar da Palha, e aos sapais do Seixal, epopeia à beira-Tejo, apogeu, cultura, espanto a Tágides e a turistas nos transatlânticos, paquetes de cruzeiro, iates, catamarãs, multimilionários alapados em espanto vivencial, e dólares, muitos dólares, petrodólares, euros, ienes, e bulício cosmopolita a inundar Alfama, a cidade, e a enriquecer os cofres da autarquia em crise de erário e os bolsos dos mais astutos.



Tal a pederneira e a desfaçatez lesa bom-senso a juntar-se a umas tantas outras incontínências governativas que, num dia de maus bofes, Mário Soares tocou lumes à mecha do direito à indignação: «Não estivéssemos na União Europeia, já tinha acontecido um golpe de Estado» e, a Almeida Santos, o espalhar de farelo na gamela do curral: «Está na hora de picar o porco adormecido» eu, vontades: «Qual o porco?» e a lembrar-me de António Guterres nos longes, bem no longe geográfico, não fosse o diabo tecê-las: «A inveja e a mediocridade, factores ancestrais de atraso e retrocesso, não deixam Portugal saltar dos carris dos atavismos para os da modernidade», doença que o filósofo José Gil catalogou de síndrome de Liliput no livro “Portugal, Hoje --- o Medo de Existir”, e onde escalpeliza os erros da Revolução: «Quantos PIDES e altos responsáveis do salazarismo foram julgados e condenados no pós-25 de Abril? Nenhum!», comparando a nossa revolução às directrizes dos alemães no pós-guerra: «Referências ao nazismo, nos livros escolares e nos manuais, somente vinte linhas insípidas e amorfas, numa deliberada tentativa de branquear o holocausto; daí, o florescer de um neo-nazismo que se espalha e ramifica perigosamente” --- dislexia política que, por cá, no ontem, quase nos hoje, cultivou cogumelos venenosos e nos fofatou as narinas pelo buraco da bota de Salazar. Um remexer das serraduras do tempo por cabouqueiros anti-25 de Abril e nos fastos mitológicos da senhora Merkel em que floresce o filosofar bávaro, a doutrinação de Hitler a ser disciplina obrigatória nos colégios de luxo em condomínios fechados, e onde a farinha da bolota celta se refuga com a memória de Goebbels, o Ministro da Propaganda nazi, espelho a preceito para António Ferro, mentor do SNI --- Secretariado Nacional de Informação, central de castração intelectual e de propaganda política irradiada pelos emissores da Emissora Nacional, caldear de ouropel como se ouro de lei, modelo a servir a Paulo Portas no “Independente”, coito a ferreiros desvalidos que reacenderam teocracias de D. João III e do inquisidor-mor cardeal D. Henrique; fastos que foram assimilados por um outro ferreiro, o esgrouviado Sousa Lara, secretário de Estado da Cultura num governo malfadado de Cavaco Silva, os dois a assanharem a índole pidesca às idiossincrasias ateístas de José Saramago.

## “NÃO É PERMITIDO ENVELHECER”

### PROPRIEDADE: APOIARTE — CASA DO ARTISTA

Estrada da Pontinha, 7  
1600-582 Lisboa

Tel: 217110890  
Fax: 217110898  
Correio eletrónico:  
[geral@casadoartista.net](mailto:geral@casadoartista.net)

[www.casadoartista.net](http://www.casadoartista.net)

### Ficha Técnica

**Edição e Coordenação:**  
Ricardo Madeira  
(Animador Sociocultural)

**Responsável pela Edição:**  
Conceição Carvalho

**Revisão:**  
Fernando Tavares Marques

A APOIARTE/CASA DO ARTISTA—Associação de Apoio aos Artistas é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS), destinada a apoiar e dignificar aqueles que exerçam ou tenham exercido funções relacionadas com a atividade do espetáculo nas áreas das artes cénicas, da televisão, do cinema e da rádio.

A Residência, o Teatro Armando Cortez, a Galeria Raul Solnado e o Centro de Formação constituem as várias valências de apoio e desenvolvimento dos objetivos definidos na sua génese. Abrangida pela Lei do Mecenato Cultural, tem contado com vários apoios que, de algum modo, nos têm ajudado a contribuir para a melhoria da qualidade de vida de todos os residentes nesta Casa do Artista.



### Agenda Cultural

Na sala Beatriz Costa:

- Comemoração do Dia Internacional da Mulher, com a presença da Escola de Fados de Alcântara, no dia 8 de Março 2017 (quarta-feira) às 15 horas;
- Apresentação do “Boletim Informativo da Casa do Artista”, no dia 9 de Março 2017 (quinta-feira) às 15 horas;
- Visita à exposição “Ruy de Carvalho—90 anos de vida e 75 anos de carreira, no dia 11 de Março 2017 (sábado), no Casino do Estoril às 17 horas;
- Atuação com o Grupo de Cavaquinhos da Universidade Sénior de Benfica, no dia 13 de Março 2017(segunda-feira) às 15 horas;
- Comemoração do Dia Mundial da Poesia, com a presença de Maria Júlia Guerra no dia 21 de Março 2017 (terça-feira) às 15 horas;
- Visualização do filme “Axilas” de José Fonseca e Costa, no dia 23 de Março 2017 (quinta-feira) às 15 horas;
- Comemoração do Dia Mundial do Teatro, no dia 27 de Março 2017 (segunda-feira)

No Teatro Armando Cortez:

- O Teatro Infantil de Lisboa apresenta “O Gato das Botas”, com texto e encenação de Fernando Gomes.
- A Yellow Star Company apresenta o espetáculo “Vanya e Sónia e Masha e Spike”, com texto de Christopher Durang e encenação de Paulo Sousa Costa, de 2 de Fevereiro a 26 de Março de 2017.